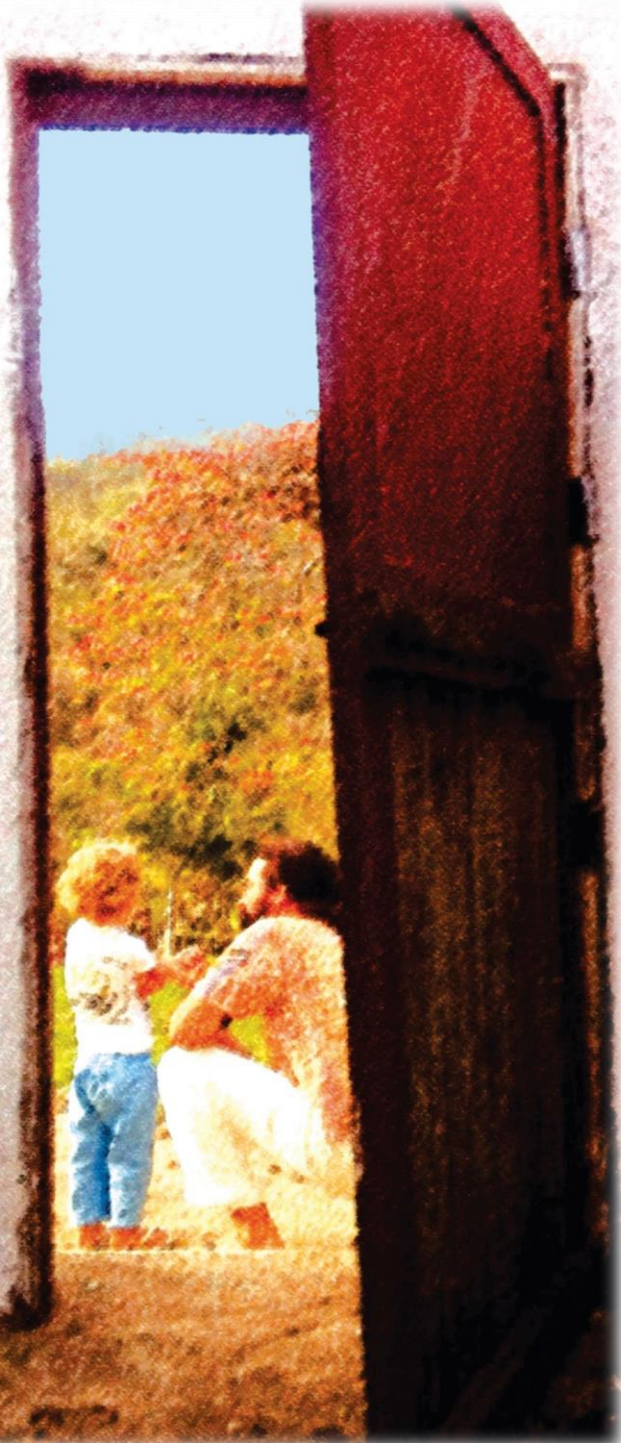


francélio
alencar

O
livro
do ben

[manifestações
públicas de afeto]

 radiadora



O
livro
do ben

[manifestações públicas de afeto]

contato com o autor:
franceliopoeta@gmail.com
@francelio.alencar

editora radiadora
av. jovita feitosa, 3255, parquelândia,
fortaleza, ceará, cep: 60.455-410
(85) 999442220
@editora_radiadora
radiadora@gmail.com
www.radiadora.com.br

francélio alencar

O
livro
do
ben



fortaleza, 2022

título: o livro do ben
autor: francélio alencar

©francélio alencar, 2022
©editora radiadora, 2022

coordenação editorial: alan mendonça [editora radiadora]
projeto gráfico: léo de oliveira e alan mendonça
concepção de capa e contracapa: li mendes,
léo de oliveira e alan mendonça
imagem da capa: fotografia de ana bernardo
[levi teixeira (adulto) e samuel bittencourt
(criança)] *imagens internas:* ilustrações de marcos oríá
imagem da orelha: fotografia de sheila rodrigues
revisão: roberta laena e alan mendonça
impressão e acabamento: expressão gráfica

Rita de Cássia Barroso Alves
Bibliotecária
CRB3/755- 1996
cassiapacoti@yahoo.com.br

A368 l Alencar, Francélio
O livro do ben: manifestações públicas de afeto
/ Francélio Alencar.

Fortaleza: Editora Radiadora, 2022.

72 p.: il.

ISBN: 978-65-88905-11-1

1. Literatura Brasileira 2. Poemas I. Título

CDD: B869.91

[a revolução do ben]

era uma vez um menino, uma menina talvez, ou seriam os dois? melhor chamar de lírio, pronto! o que eu não sei, a poesia de lírio ensina.

lírio tinha altos níveis de tdha: traquinagem, diversão, humor e alegria. tinha também um monte de pêis no corpo e na cabeça inteira: p de poesia. porque lírio sabe que a poesia cria, inventa, conversa com escuta ativa, explora, quando se frustra não para feito barragem, é rio e segue em frente, lida com os desafios e até mesmo visita o futuro.

com seus altos níveis de tdha e poesia, lírio inventou um mundo de brincar. havia quem dissesse que brincadeira era besteira de criança. certamente a gente esquecida de que no brincar colocamos muita concentração e criatividade, solucionamos conflitos e inventamos o mundo.

tenho pra mim que lírio leu aquele poema do leminski: *“na luta de classes todas as armas são boas: pedras, noites, poemas”*. e se concentrou ali, nas noites e poemas. seu mundo de brincar inventa

com palavras uma revolução que acende com o calor do riso, com o chamego das poemas, com o cuidadinho e as festinhas do amor a revolução que faltava, a revolução do ben: pela palavra, com amor, com brincadeira, com cantiga, com tanta coisa que nem cabe no pouco de dizer: as palavras querem sair pulando p u

la n

d

o

pra fazer o que vieram fazer, se irmanar como as plantas com a terra, como os peixes com os mares e rios, como amantes que se amam...

mas, se por um lado podemos brincar só, nadando, andando de bicicleta, subindo em burro brabo, olhando a natureza, e tudo mais que a imaginação levar a fazer, nenhuma revolução se faz só e lírio sabe. por isso, põe todo seu saber nesse livro, um livro de se amar junto, de se ler alto e junto (e também baixinho olhando o dia raiar ou a noite cair), e de sair pelo mundo junto, sabendo que sim: um mundo melhor é possível: pela poesia. e poesia não são só palavras, mas esse jeito de estar no mundo, acreditando e fazendo dele muito melhor, como lírio, menino, menina, ben, francélio. e você também.

nina rizzi

para leon.
para benjamin.
para quem é poema beijado na rua.

sum- -ário

| | |
|------------------------|------|
| xarope natural | [13] |
| adoráveis subversivos | [15] |
| o menino e o mar | [17] |
| caseado | [19] |
| azul cor da pele | [20] |
| dor flex | [21] |
| aconchego | [22] |
| grãos e estrelas | [23] |
| chuva-me | [24] |
| terreiro | [25] |
| revoluções animais | [27] |
| nada, nenhum e ninguém | [28] |
| olhos da serra | [29] |
| bilhete para manoel | [30] |
| passarela | [31] |
| amor de cajuína | [32] |
| públicas | [33] |
| cascavel | [34] |
| dos que voltam | [35] |
| o nome das coisas | [36] |
| ancestral | [37] |
| barco de noé | [39] |
| balezinho | [40] |

dança dos sonhos [41]
 mural [42]
água de quartinha [43]
 lugar [44]
 passagem [46]
perfumadas(os) [48]
 bem querência [50]
 barco pra voar [52]
 boca comunista [53]
quando o dia 13 chegar [54]
oração pra chuva [55] o que
 virá [57] a menina da feira
 [59]
 poema pra margarida [61]
a mulher que virava água [62]

sobre minha fortaleza arredia ensaio
poemas ao entardecer. combatendo o
dragão da maldade, sobrevivendo ao
bom combate guardando minha fé
no bem querer.

[xarope natural]

de manhã,
quando a época dos distantes havia
passado, avistei, da janela do alpendre,
uma ruma de bruguelos zoadentos
brincando de rimas no velho cajueiro. os
poetas tinham se tornado meninotes.

moleques cheirando ao azedume natural da terra.

depois da época triste das lonjuras,
a poesia era pega-pega, amarelinha e danação.

poema era coisa da meninada
solta na beira do rio,
pescando piaba no tempo vadio.
invenção da criançada,
que adulto nem imaginava
o que era cordel
e que soneto vinha da imaginação.

então, naquela ciranda,
reparei que ninguém espirrava ou tossia.
ninguém nem adoecia.
neste mundo novo,
todo poeta virara curumim,
a poesia era um xarope natural,
que curava toda mazela e todo mal
e enchia o planeta
com o doce cheiro do alecrim.

[adoráveis subversivos]

ao grupo de teatro os pícaros incorrigíveis

que eu não faça arte
se não souber subverter
as regras falaciosas dos impressos e
os almoços dos tédios dominicais.
que a mim não seja dado
o sonho de criar esperança
se esta não vier colorida
de margaridas, rios e revoluções.
que a minha paixão desgovernada
pelos amantes,
não se perca porque estes
deixaram de acreditar
na indecente fantasia
do fazer feliz.
que eu não seja poeta,
se minha palavra for
enclausurada no medo
e não tiver asas pra dançar
com os mendigos subversivos
noites e noites adentro.



[o menino e o mar] *a marcos levi nunes,
que já escalou montanhas e viu outros continentes,
por isso ele sabe o caminho*

histórias me contam que um menino
novamente atravessou o mar.
e o mar, retribuindo, o atravessou.

foi praticar justiça em países africanos.
aprender novas línguas, novos
oceanos. foi magicar com crianças e
desenhar antigos sonhos
com cabo-verdianos reencontrados.
narrativas me trazem
que em ilhas
fez novas terras de afetos
e em garrafas de “whatsapps”,
mensagens de amor mandou
aos seus.

fazendo trajetórias nos
reversos, espantou a si mesmo,
com tantas tragédias que viu.

mas o menino não joga bola com o acaso.

também presenciou belezas
e cores das quais nem o nome sabia.

ele levou de sua fortaleza
canhões bárbaros de esperança
e todos os bons conselhos da
virgem santa maria.

não há mundo que não caiba
nas histórias desse menino.

[caseado]

tão diferentes casas sem cadeado
tão abertas portas pro amor entrar.
tão misturadas gentes a encontrar
em tantos corações desalinhados.
tão caseado é teu jeito de olhar,
tamanhos tantos tem seu beijo
que é impossível, em um paninho
só, bordar a sensação de leveza que
me afetas com teu jeito.

[azul cor da pele]

aborda-me no meio da rua
teu olhar e teu passo faceiro
tracejando meu caminho,
feito a agulha do destino
furando e desfurando
o tecido das manhãs. vejo
sair da tua pele linhas
coloridas, ensandecidas a
misturar-se
ao suor e ao cheiro da tua lida.
ponto a ponto,
em sua dança,
surgem miragens
imagens,
cartografias fantásticas,
desenhos de criança.
teu pano agora é meu pano
e costurar-te a tatuagem dos
esperançosos em minhas costas
e bordar-te o traçado dos teus
sonhos nas vestes inquilinas do meu
corpo e no meu azul céu cor da pele.

[dor flex]

naquela manhã, lembrei de você
e não foi por causa de um poema
ou uma canção que deu no rádio.
foi, de súbito e rápido,
um arrepio da cabeça aos pés, que
ao abrir a gaveta das calcinhas
estava lá um pacote de dorflex.

[**aconchego**]

quero minha casa acolhida,
o cantar da risada sabida,
de um menino que, de tanta danadice,
nos ensina que a velhice
é não saber rir da danação.

[grãos e estrelas]

quem inventou as estrelas?

quem deu a elas, no momento da criação, a
forma das flores e luz dos vaga-lumes? quem
as espalhou no negrume infinito celeste, feito
uma criança traquina que solta com sua
mãozinha

os grãos de areia na beira do mar?

para aqueles que brincam de espalhar estrelas
e cultivar flores como se fossem crianças.

[chuva-me]

desata-me oh chuva repentina
desse pudor compulsivo que
escraviza-me na rotina e me
faz de novo
ser açude sangrando,
barragem rebentada
e rio de passarinho.

[terreiro]

terreiro é o lugar onde se nasce.
é maternidade. peito de
mãe. leite escorrendo.
terreiro é chamego,
abraço profundo,
cafuné da pessoa amada.
terreiro é partilha.
meninada correndo desembestada.
batendo chinela, dando coiçada.
fugindo do esbregue da mãe.
terreiro é fuga.
é manhã com cheiro de sereno.
é irmão pequeno catarrento
chafurdando o quintal.
terreiro é sobrenatural.
é pé no chão matinal.
é bicho, é planta, é animal.
terreiro é vastidão.

é calçada cheia de espreguiçadeira.
é a firma da rendeira.
é local de evocação.

terreiro brota magia
feito cheiro verde, sabiá e galinha.
terreiro é feito planilha
que se calcula danação.
se mede bem querer
e se planeja revolução.
terreiro é gafieira
lugar de dança.
de namoro, reisado, candomblé.
em terreiro se atrepa no pé.
goiabeira, mangueira, siriguela.
terreiro é livro grande e sabido.
nele, se aprende com o ouvido,
com a alma e com mão.
se você ainda se perder no
terreiro, não se avexe, nada de
aperreio. que o maior terreiro
é aquele que tá dentro do coração.

[revoluções animais]

se for fazer festa
que faça em moinhos
daqueles em que o vento do amor
bate sem parar.
onde a roda da vida gigante
gira os lugares de cada um
pra um novo outro
encontrar. se me apressa
pra fabricar um novo brilhante,
azul cantante ou luz do luar,
me demoro sempre no mesmo
tom, um pouco de mau, um pouco
de bom,
iluminado brilho
que sai cintilante do teu
olhar. e, se nas cavernas, com
lobos, em cantigas ardentes
me vir, não estou
descansando nem beirando a
morrer. estou com o amor e
com os animais
confabulando sinceras
revoluções ancestrais.

[nada, nenhum e ninguém]

sabe aquele que faz do riso o seu
ofício? aquele que, de face pintada,
desequilibra o imaginário, fabula com o
destino
e engenhosamente engana a morte?
aquele que, sobre suas pernas de mentira,
arrisca tocar o céu
e fazer malabares com deus?
aquele que dança a dança da vida,
levado em seu sonho acrobático
de brincar de ser ícaro,
mesmo sem asas e de nariz vermelho?
olha lá na praça do teu coração
e o verás colhendo gargalhadas
e choros aos montes,
feito as crianças quando fogem da escola
pra roubarem mangas dos quintais alheios.

[olhos da serra]

sob a íris dela
vi meu vale inundado,
sertões verdejantes
e flores novas que brotavam da
terra feito crianças.
sob seus olhos
vi estrelas a bailar
na linha reta do apodi,
vi vaqueiros a cavalgar
pela caatinga inexplorada
que vive em mim.

[bilhete para manóel]

lembrei-me esses dias
quando aprendi a ser flor
e não ligar mais pras fraudes humanas,
congestionamento de almas nem
aparelhos elétricos.
hoje, só me atenho
ao cheiro do vento e da chuva,
às lagartas nos cajueiros,
aos assanhamentos dos
sabiás e à sabedoria molhada
do orvalho de dezembro.

[**passarela**]

mexo nos cabelos dela
como quem bulina com o futuro
em seu fio branco e sutil, feito
quem arruma o ninho
do passarinho que da árvore caiu
porque queria voar mais cedo.
vou ali me perder, sem medo,

no cangote dela
maravilhosa passarela
com vista pro amar.

[amor de cajuína]

não te surpreendas
se o amor vier te beijar
sem a doçura das flores
e na surdina.
um verso de amor verdadeiro
pode a ti anunciar
de uma boca saborosa com frescor de cajuína.

[públicas]

eu posso até me acostumar
com a tua criminalidade,
tua impunidade,
tua vontade louca de transar entre
livros. eu vou até divulgar tua
insanidade, teus poemas perversos que
falam de vadiagens,
pichações confusas
sprays enigmáticos.

o altofalante do carro do sorvete
traz a vasilha
matando do mundo a sede
com os pecados que sei de ti.
vou também ligar pros jornais
e reclamar para os tais que
não há nenhuma nota
uma frase sequer
sobre a tua foda profana
em cima da velha caixa d'água
da feira da messejana.

[cascavel]

aquela mulher dançava feito cobra!
serpentiava com sua silhueta magricela
e seu chocalho de bailarina. esquivava-
se das rochas
e dos mamíferos assustados em seu
caminho. ela mudava o futuro
quando, sobre o pé de juazeiro,
dava o bote certo no destino
com suas pernas de acrobata.
cascavel perdia era feio!

[dos que voltam]

quando voltei do mar
inteirado com a genealogia dos peixes
e das conchas,
trazia comigo somente
minha carcaça salgada de pescador,
um punhado de cabelos brancos e
as tarrafas do meu destino repletas
de saúnas e saudades.

[o nome das coisas]

canção com ebson paixão

pé de serra quer jogar bola
linha da mão vai costurar.
olho d'água não enxerga mas
chora céu da boca quer azular.
batata da perna não é comida.
manga da blusa não é de
chupar. menina dos olhos
 é a mais bonita
 das coisas
que a gente pode inventar.

[ancestral]

tua clavícula africana
é uma rede macia onde
desejo balançar. com o pé na
parede empurro pra longe a
distância que separa tua boca

da minha vontade ancestral
de em ti sossegar.



ORIN

[barco de noé]

sobre mares
de quintais,
entre dilúvios ancestrais,
o brincante navegador
parte em busca do novo
que existe em mim.

aponta na proa
seu mirante de sonhos
a mostrar o caminho,
a encarar os demônios
do grande oceano
que não tem fim.

lá no mais alto mastro
no horizonte tão vasto
da arca da minha lembrança
são nas águas da infância
que me vejo em ti.

vai noé, ser criança do mar!
ser barquinho sem rumo e
em tudo na vida brincar de
bem navegar!

[balezinho]

queria ser bailarino
pra costurar no meu corpo fino
a margarida dançante que vi no teu olhar.
ela era magrinha!
parecia só uma linha
mas tudo me dizia
com sua pétala
amarelinha a balançar.

[dança dos sonhos]

canção com joyce custódio

todo sonho meu
reescreve a lembrança
da bailarina exausta que dança
a felicidade numa caixa preta

ela se veste do orvalho seu
vestido mais bonito conta onde
nascem os jardins para quem já
esqueceu dos lírios

todo mundo quer dançar com ela
todo mundo quer sofrer com ela
fazer morada no seu peito
e desejar na vida ser poeta... ser poeta

cada pedaço seu me ensina a cantar
um veleiro que dança a dança do mar

uma barca que parte
tecendo mistérios
reinventando castelos
segredos de amar.

[mural]

tem um prego solteiro na parede.
quem o pôs lá foi a chuva grande das madrugadas.
pra me lembrar dos amigos solitários
em suas canoas viradas.
que no mural das distâncias
eles estão com seus incansáveis violões
a emendar nossa saudade com suas
eternas batucadas.

[água de quartinha]

há de nascer o sangue da terra
que vai florir meu eterno jacundá
feito cobra bailarina que desce lá da serra
pra aguar as costas do meu mar.

vou subir nos matagais lá de cima pra
mais bela fonte virgem encontrar fazer
batuque na água mais cristalina onde o
segredo desta vida eu hei de saciar.

água que não é leite, não é vinho
não evoca santos milagres lá do céu.
é colhida na mão do que faz o caminho
que trabalha todo dia em seu cordel.

água bendita nas prosas do trabalhador guardada
no sagrado coração de sua quartinha pra nunca
esquecer de que pra lembrar do amor é preciso
ter o que se dá, dar o que se sinta.

o cantar do pífano agora vem anunciar
o mestiço desconcerto da aurora
que em sua batida cabocla vai o mundo misturar
gente com água, água com gente, nota com nota.

[lugar]

fortuna é ter um lugar.
não falo de casa, mas de lugar.
um lugar pode ser um local,
uma gente,
um saber,
um percurso,
um tempo,

um afeto.

um lugar pode ser um precipício.

um desfazer-se de tudo.
uma ignorância.
um arrependimento.
um reconhecimento.
um lugar pode ser muita
tempestade. quem encontra um
lugar encontra um espelho. encontra
uma zoadá,
um barulho enorme,
um silêncio dos diabos!

quem encontra um lugar
encontra frescor,
cerveja
e uma multidão indo pra igreja
querendo pecar.
um lugar tem respiração,
conspiração,
mal criação.

um lugar tem vontade de sair.
desejo grande de dar lugar no ônibus.
quem encontra um lugar
lugarreja (lugar que se almeja) amigos.

rico é quem compartilha lugares a que nunca foi.

[passagem]

menino, passa pra dentro!
senão a pobreza te pega.

passa, menino, passa correndo.
passa por baixo da catraca,
roleta viva do dia-a-dia.

passa a mão na barriga vazia,
barriga preta da tia.
menina, passa ligeira pra casa!

passa roupa, pano de chão.
de casa em casa.
tudo casa de barão.
na tua “mermo nam”!
não tem comida
vai ter diversão?

meninada passada na rua no
sovaco da margarina, não
tem medo de pandemia mas
se pela do tio abusador ou
quando cruza de noite com a
viatura de “duas cor”...

(...)

passa menino
pela passagem do futuro.
me dá cá o pé
que a gente fica em casa,
mas avista um novo lugar
por cima desse velho muro.

[perfumadas(os)]

quando me chamares
chama-me do que sou,
daquilo de que sou feita(o).
das tranças do meu cabelo
e das verdades do meu sorriso.
quando me encontrares
na noite intempestiva e
barulhenta, entre belezas,
ou na rotina exaustiva do
trabalho entre gavetas,
me chamas pelo que sinto.
meu amor é de passarinho
que escolhe não ser lugar,
prefere ser caminho.

quando me rodeares
com teu olhar de querida(o)
querendo me roubar
um abraço de naufrágio,
enlaça-me em teu peito
mergulha-me em teus braços
tão iguais e diferentes.
somos meninas(os) na semente,
amantes no compasso.

quando adoeceres
não te esqueças, não te percas.
minha mão dançará com a tua
e juntas(os) tomaremos a lua
com camomila.
e todas as mazelas,
piadas,
insultos,
fobias,
serão transpassadas
pela espada colorida
do nosso afeto
e da nossa alegria.

quando me amares ama-
me que nem a um rio, que
nem a um livro.
ama-me na incurável sabedoria de querer o que
quiser,
de ser homem, ser mulher,
ser os dois,
ser nenhum dos dois, ser
um lírio, pronto! ama-me
que nem a um lírio e
plantaremos todos os dias
jardins perfumados nas
calçadas alheias
e nos olhares arcaicos.

[bem querência]

bem queridos os que fazem bibliotecas.
os que amam livros
e não deixam eles na cabeceira.
bem queridos os que fazem poemas
e dão pros violeiros criarem moda.

bem queridos os que fazem da justiça, a
moda. amados infinitamente
são aqueles que sobem nos
palcos, que eternizam os atos,
que cantam o amor e a guerrilha,
que dançam a quadrilha bonita da partilha.
tenho muito chamego pelos fazedores de saraus.
eles têm lugar garantido no inferno do meu coração.

bem queridos de muitos adjetivos
são os imprescindíveis que vão ver os outros
bem queridos.
que saem de casa,
que saem da vala do seu
lar e vão ver o
desconhecido. e veem que
é bom. que faz rir,
que faz chorar,
que faz mexer,
que faz luar.

bem queridos os que nos tiram do nosso lugar
pra mostrar borboletas, florestas do curió,

manoel de barros,
pícaros incorrigíveis...

e tudo quanto puder fazer a gente mais sonhar.

[barco pra voar]

ensaiar a cantiga
quebrar o silêncio
antes da velhice
ou a cegueira chegar.
agarrar-se na rede
e na linha da saudade.
saber que a miragem
não é a morte
ou embarcação perdida e
sim, o peixe da lida que pra
terra vou levar. apoitar
meu descanso no mar do
teu coração se bate de leve
é remanso se naufraga é
paixão. esperar a fragata
apagar as velas anunciando
que de dia na praia vai
ancorar. nas areias,
namoradas entoam a
mesma canção daquele que
em um furacão faz da
jangada

o melhor barco pra voar.

[boca comunista]

ela falava a justiça
e dos seus cantos escorriam crianças felizes
e flores vermelhas.
ela sorria a perseverança
e havia estrelas no seu paladar.

[quando o dia 13 chegar]

havia sangrias no céu martes
escarlates pintadas num papel
crepom azul delírio. carnavais
infindáveis:

luxos, aldeias, ameríndios
brincavam na roda louca da
terra. transavam apneias,
sanatórios, entorpecentes
gelados e purpurinas baratas.
gozavam de graça na cara da gente.
e eles não descansaram nem na quarta-feira de coisas.

[oração pra chuva]

chuva bonita
leva a doença
e traga os abraços de volta.
lava as calçadas
e molha a face entristecida do povo.

chuva serena,
acolhe os que perderam,
acalenta os sofrentes,
e enche a bacia dos solitários
com tua água nova e remissora.

traz, oh chuva matutina,
a alegria dos açudes,
a mansidão dos justos,
e o ressignificado dos dias.

alaga, chuva boa,
os corações cansados dos
trabalhadores, das mães e da velhice.
chove nas plantações das crianças e
rejuvenesce os desesperançados.

chuva bonita,
traz pra perto de novo,
a certeza da íris encharcada do encontro dos
amigos,
da bravura das lutas,
do sorriso dos filhos,
e de um amanhã cada vez mais
serenante e amoroso.

[o que virá]
canção com calé alencar

quero oferecer
o mundo
a quem me deu saber
do tudo
ou quase tudo
ou o que virá.

quero refazer
o tanto
que se pode conceber
da gratidão
da quase criação
ou o que virá.

eu quero surpreender
o susto
que se pode ainda ter
humano
ou quase insano
ou o que virá.

eu quero amanhecer
o novo
e quero merecer
o tempo
ou quase tempo
ou o que virá.

[a menina da feira]

vi uma menina correndo na feira.
pés nos chinelinhos frouxos, quase voava.
cortava as barracas de frutas,
as dos peixes miúdos e de queijo
coalho. batia o pé na bunda de tanta carreira
a menina que corria na feira.

— pra quê tanta pressa, moleca?
pra quê essa arrumação? — gritou seu Raimundo
(quarenta anos de feira ininterruptos)
— vai cair com essa sacola na mão!

a baixota nem olhou e nem caiu.
porque dentro do saco véi, quase rasgando,
ela levava livros.

ela levava livros!

e toda aquela correria era só porque queria chegar
cedo na aula de redação.



[poema pra margarida]

canção com charles wellington

margarida é costureira.
ela tem uma singer preta e dois netos.
ela trabalha todos os dias em casa.
margarida não lembra do último dia em que viu o mar.
mora na cidade jardim e tem nome de flor.
margarida é uma flor.
gosta de abraçar e ter o que comer.
margarida vai tomar banho de mar
quando a tristeza passar.

[a mulher que virava água]
conto vencedor do prêmio
cidade de fortaleza de literatura
(2002)

naquela manhã, debaixo do juazeiro, percebi que nada mais tinha. tiraram-me as roupas, os colares, as pulseiras, as sandálias. tiraram-me o véu que usava desde os cinco anos e a aliança de prata de vovó. tiraram-me vovó. seu hálito de boa cantadeira acostumada a levar as cantigas nas procissões e nos enterros. “é canto pra amansar os mortos, não é pra ter medo”, repetia sempre. e eu, apavorada com aqueles ritos que não conhecia, agarrava-me na barra de sua saia. suas mãos compridas, seu peito caído dos anos. trazia nas unhas uma sujeira secular, fruto de tanta lida na beira do açude, que exibia orgulhosamente como um soldado exibe as cicatrizes de guerra. lembro de quando ela sentava na sua cadeira de

balanço colocada na calçada todas as tardes e que nós, os netos, brigávamos pelo direito do colo. três, quatro, às vezes cinco ela botava, só para não desagradar ninguém. e cantava pra todos. desfilava com sua voz de mulher esquecida da vida.

tiraram-me vovó.

a luz que caía em outros tempos era sempre mais branca, mais viva e mais bonita. luz que atravessava o quintal e ia bater lá nas frestas da casa, anunciando lentamente a manhã. mas tiraram-me o branco. “suja fácil”, diziam. vovó nunca sujou e era alva feito nuvem quando nasce e dá vontade de comer. nuvem que engancha nos dedos e que se solta com um sopro. aquele que a gente dá pra apagar os pedidos dos quinze. tiraram-me os quinze. festa dos quinze só podia ser à noite, não tinha graça ao meio dia. o vestido cor de novo cheirando a terra molhada, bordado com gengibre feito nas carreiras por titia, os enfeites da missa das seis, os rapazotes da vizinhança... a cerimônia da libertação.

tiraram-me a libertação!

arrancaram-me os olhos cheios de ferrugem, puseram bolhas, desfiaram minhas narinas e atiraram aos porcos!

mais sorte teve o espantalho que ficou de pé e é feito de palha... e eu que de nada sou feita senão de ausência, penitência caiada nas veias, pesos nas costas que carregam toda a descrença dessa cidade

inundada de arrogância, almoços dominicais, tédio e reencarnação! de tempo encolhido na memória. de um cordão de fita que vai perdendo a cor, desprezando toda a ingenuidade, esquecendo de se virar e acenar um terno adeus mesmo que seja o último, outonizando, fervendo solitária em uma febre que não esquenta, mas esfria e causa delírio. quer desfalecer mas não é permitido. de que sou feita senão de pensamento? sem folhas, sem pernas, sem braços, sem remorso, sem catarro e sem sorriso... porque tudo me foi tirado.

havia tantas estrelas dentro do meu quarto. brilhavam tanto. era meu caleidoscópio. e na época da colheita corria até a plantação e pegava mais estrelas, não as maiores que eram fáceis de quebrar, mas as que mais brilhavam, as sadias. as levava para debaixo da cama, as limpava bem porque sempre vinham manchadas de algum sonho de outra pessoa, e depois... depois as atirava no ar e elas desenhavam marias celestiais no meu universo sem nome.

tiraram-me as estrelas.

queimaram meu universo junto com aquela maldita plantação sem fim. sem frutos. tiraram-me tudo, até os frutos e o prazer desesperado que eu tinha de comê-los. lembro bem de quando foram todos ao meu santuário e arrombaram as portas. traziam foices e querosene, ateando fogo sobre as leis, rasgando minhas cartas e pisoteando

meus desejos. gritavam exasperados que eu nunca teria santos e que minha cabeça teria sido fundida em um barro podre, infértil e que deveria ser cortada para dar exemplo.

chorei cantando.

fui procurar igrejas e encontrei mercadores que não morrem nunca.

mentiram pra mim.

disseram que meu corpo era um relicário de assombrações e que jamais deveria abandonar os sestros de criança transtornada. jamais se fazer de ajuizada, de sensata. jamais correr na praia com meus outros irmãos sentindo a quentura branca do vento que sai do outro lado do mundo para banhar meu rosto atormentado.

onde se escondem os sinos?

onde se purificam as mães?

onde me esconderam e o que fiz para isto? tratei tão bem meus antepassados. fiz até oferendas, galos, cantos, velas, crismas, abnegações. rezei, rezei tanto... até doer a fé. tiraram-me a escolha e cortaram meus cabelos. tiraram-me a mulher e não mais sangro como deveria, como gostaria. ali, vermelha pelas assaduras, mastigada pela fome de parir minha poesia mensal, minha poesia fertilizante. meu trevo de mil pontas a escorrer pelas vestes de menina do interior, de menina sem odor. filha mais nova de um cartório promíscuo, filha de vacas e de estrelas guardadas. roubadas

diriam uns, nunca roubei nada, antes tivesse roubado. pelo menos teria condecorada em meu peito alguma coisa fria que aquietasse minha condição de reclusa sem paredes, de meretriz sem pecado, de cartomante sem revelação.

tiraram-me a poesia e esconderam-me a idade.
quase morri de tuberculose quando descobri que os pais morrem. gigantes cheirando a café torrado e fumo envelhecido. olhos sempre cheios de uma sabedoria ancestral, levando o arado pelos caminhos intermináveis do plantio e trazendo a colheita inteira nos ombros. racham a terra com seu leve timbre de voz, manejando a história na mesa à hora do jantar contando seus causos absurdos que falam de lugares longínquos e personagens incompreensíveis. nunca deixando extraviar receios ou consternações. mostrando seriedade mesmo quando sorriem. pais são árvores centenárias que cremos inabaláveis até o momento em que descobrimos o lenhador implacável.

tiraram-me a sombra.
nem pele ou suor ainda cobrem meu corpo. nem a tinta que vela os espíritos descaminhados posso sentir.

não sou sonho nem sou pó.
nem metal ou gesso.
nem cortiça ou couro cru.
nem seda ou farrapos de mendigo.
nem a cólera dos vingativos me foi deixada.

nem a cegueira me foi condenada.

nem a vertigem me foi concedida.

tiraram-me a hora.

fui obrigada a correr de joelhos pelas estradas vazias. meus ossos estalavam parte por parte, corroendo feito madeira velha entrançada de cupins. rangendo cada pedaço. cobriram-me de óleo de carneiro para que tornasse-me o desjejum principal. lavaram os talheres de prata e puseram a toalha mais limpa. todos em volta fizeram suas orações oportunas para seus deuses inoportunos. e nua me devoraram. nunca em pé. nunca deitar. nunca voar. nunca cair. nunca enlaçar sentimento algum com gesto algum.

sentimento?!

ah... o sentimento...

sopa de raízes me lembra sentimento.

calado, vestido como sua gente a meditar seus santos preceitos, envolvido em sua barba de beduíno. sempre cheio de modos, sentava-se à mesa com aquele aroma de alfazemas, se me lembro bem eram alfazemas que ele mesmo preparava. era muito bom nisso. o melhor perfumista da cidade desde que os alquimistas foram embora. fazia de suas fragrâncias fórmulas místicas que mais pareciam ópio a desgovernar o mais rígido dos meus sentidos. porções que transformavam o sol em lua, os desertos em vales, a aurora em crepúsculo. eram evocações

a perdição e a afobação no leito mais próximo. eu com minha sopa purificava os intestinos dele, tratando de suas feridas e de seus males internos. e ele batizava meu sexo e meu amor com seus perfumes de bruxo, santo negro árabe que me fez mais feliz que qualquer mulher de maomé.

tiraram-me o encanto.

tiraram-me aquela tosse retumbante que corria madrugada adentro. que não deixava dormir. rosnava e acordava todas as pedras. que os pulmões pareciam querer sair pela boca. babava e os olhos escorriam lágrimas verdes. tão verdes e cheias de lodo que mais pareciam o fundo do rio. tão guardadores de químicas milenares e de juras de apaixonados. não me importava o sono ou o tempo. não me importavam os comentários maldosos daquelas mulheres mal amadas. “olha ali, a puta do mouro leproso”. não me importava a agonia de vê-lo definhar. cuidava dele como quem cuidasse de cristo no sepulcro a lavar o seu dorso, sua cabeça e sua alma. pois lavava a minha também. cuidava da sua morte com tanto apego quanto cuidei da sua vida.

sequei com ele.

deixei de usar saia aos dezessete. por ordem de ninguém. porque aos dezessete ninguém me era dono. porque quis. aprendi que o mundo girava embaixo de mim e que nunca iria passar vergonha. que eu também girava solta e não havia nada que

me regrassa a vida. que da terra eu só queria comida. mandioca, batata, feijão, manjeriço...
os pés arredondados, já ficando inchados, subiam e desciam a ladeira em rumo da horta de manjeriço. era a cama barrenta que me aliviava os prantos. deitava e quieta ficava, ouvindo baixinho as formigas conversando. as formigas sempre tomaram de conta do manjeriço. chegavam tão perto da minha boca encostada na terra vermelha e faziam carícias que pareciam mel de ervas nos meus lábios arroxeados pelo tempo. não havia nada igual como uma boca cheia de formigas. era beijo de mãe na hora do aconchego. eu as bebia e as molhava com a saliva seca de minha pele. eu virava água. virava estrume. virava amor. e ia descansar serena no ventre da horta da felicidade.

tiraram-me as formigas. tiraram-me a terra e o manjeriço. venderam meus dentes por risos tão fáceis. gravaram nas minhas coxas enigmas que não consigo decifrar.

que não consigo entender!

vai grita! grita se podes!

rebenta a água que antes jorrava! que antes era tão farta e cristalina!

arranca os seios e constrói tua própria morada. teu castelo. tua casinha de menina feia. esqueces dos soníferos, das intrigas e das simulações. esqueces dos marinheiros e das suas

embarcações perdidas. esqueces da fome. dos lençóis amarelos. esqueces da farinha ressecada que te empurraram garganta abaixo. esqueces do vazio que te amedronta. esqueces do suicídio obrigatório de acordar todos os dias. esqueces das surras covardes dadas pela consciência da tua alma inquieta.

como esquecer do que me foi tirado?

extirpado de mim como se arrancassem
minhas vísceras! tiraram-me o
esquecimento.

as gaivotas nunca esquecem de voar.

nunca esquecem das asas. nunca esquecem de ver o mar. de ultrapassá-lo, invadi-lo com um mergulho abocanhador e trazer à tona sua presa desesperada que se debate inútil ao perceber que será devorada inteira em um outro mar supremo. tão azul quanto o outro. um banquete dos céus.

sempre achei que o céu fosse de licor. um licor azul de tão gostoso. e que se eu estendessem a mão poderia esparramá-lo por todo o ar. tomar banho de licor azul. e fecundaria dentro de mim um grande pé de eucalipto. o maior que já se viu. bonito, frondoso e muito, muito perfumado. seria meu filho. florescido do meu útero de licor azul. não o levaria à escola. lá eles não gostam de eucaliptos. não gostam de jacarandás. de abacateiros nem de cajueiros. escolas gostam de mortos. e eu não vou parir nada morto. tudo vivo,

vivinho. meus filhos não são de escola... vou levá-los sempre que puder ao jardim das margaridas para que possam compartilhar suas sombras e sua caridade. os jardins são reinados sem príncipe, sem rei, sem mestre, sem dono ou dona. todos os jardins são iguais. rosas são lírios. lírios são cravos. e cravos são begônias. todo encantamento de uma beleza verdadeiramente honesta.

levaram-me a beleza sem juízo.

tão triste que não fazia mal a ninguém.

não queria nada.

não blasfemava.

não se prostituía.

não ofendia nenhum dos dez mandamentos.

por que tiraram a beleza dos jardins?

por que jogaram concreto sobre as flores?

o candeeiro retorna a acender mesmo sem fogo, mesmo sem intenção, mostrando caminhos por onde se pode andar. deixando a chuva abençoar nossa fronte cansada. nossa vista de remador sempre buscando o caminho sem pedras.

quero brincar se me deixarem...atravessar a ponte sem pensar no outro lado. sentir as risadas caírem sem pressa. ser, pela última vez, mulher e beijar as costas da mão do meu amado. ninar pra mim mesma até que os sonhos arrebatem as fendas do meu corpo e cicatrizem minha saudade. saudade de ser mulher e ser vinho. de ser vinho e ser água. de ser água e ser choro.

apoio:

apoio:

PROJETO FOMENTADO COM RECURSOS DA
LEI 14.017/2020 - LEI ALDIR BLANC - POR
MEIO DA SECRETARIA MUNICIPAL DA
CULTURA DE FORTALEZA



Fortaleza
PREFEITURA
Cultura

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL



Este livro tem o apoio do centro de formação, capacitação
e pesquisa frei humberto – mst/ce

centrofreihumberto@yahoo.com.br
<https://instagram.com/centrofreihumberto/>

composto em garamond corpo 12 e impresso
sobre papel pólen soft 80g (miolo) e cartão supremo 250g (capa)
pela expressão gráfica para a editora radiadora, em fevereiro de
2022

UMA NOITE SONHEI
QUE OS POEMAS SAIAM
DOS LIVROS.
ELES OCUPAVAM A PRAÇA
COM SUAS DANÇAS
E CANÇÕES DE AFETO.

O AFETO É
REVOLUCIONÁRIO

TEM CHEIRO DE BORBOLETA.
E NÃO TEM MEDO DE OUSAR
PARA ALÉM DE MUROS
E MUNDOS.





nascido em 1978, em tabuleiro do norte (ce), francélio alencar é poeta, contista, produtor cultural e compositor musical. é autor dos livros de poesia **inversos felizes** (litteris editora/2003) e **mariposas são feitas de cobre** (caixeiro viajante de leitura/2011). publicou também os livros infantis: **a borboleta e o jacaré**, **amor menino** e **deixe que a vida nasça** (edições casa do conto/2008); **valente**, **o boi bumbá** (2009), **o sábio aratu de sabiaguaba** (2010) e **as aventuras de dom lelé no sertão da poesia** (2011), pela secretaria de educação do estado do ceará, através do paic – programa de alfabetização na idade certa.

quando os teus dedos dançam com
os meus,

nações inteiras se levantam contra
seus governantes, seus déspotas.

tiranos não sabem dançar. não
andam de mãos dadas com suas
namoradas.

tiranos não namoram.

não sabem o que é um cheiro no
cangote ou um beijo de língua no
meio do trânsito no centro.

eles têm medo das manifestações
públicas de afeto,

do carinho coletivo das massas e dos
poemas lascivos ditos em voz alta no
meio da praça.

eles temem o amor que cultivamos,

porque este os destronará de suas
poltronas velhas, mórbidas e corroídas.

francélio alencar